

penheiros fideis aos resultados das urnas. Estou obedecendo a voz das urnas. As urnas me colocaram na oposição a Adhemar e estou na oposição a Adhemar. O mesmo não ocorre com alguns deputados do meu partido que estão servindo o governo, mas que deixaram de servir, se Deus quiser, logo que compreendam a grandeza da mensagem do meu partido. Não ataguei tanto o PSD a ponto de irritar assim V. Exa.

O Sr. Luciano Nogueira Filho — V. Exa. permite um aparte?

O SR. CARDOSO ALVES — Eu dizia da tradição do PSD. Eu dizia do seu costume, da sua velha praxe. Mas, agora, V. Exa. veio, em termos não condizentes com aquela classe apartar-me e solicita novo aparte para se definir. Vai dizer-me, deputado Luciano Nogueira Filho, que fica com Kubitschek. Tenho certeza de que me vai dizer isso.

O Sr. Luciano Nogueira Filho — Em primeiro lugar não reconheço em nenhum representante do PDC o direito de interpellar-me a propósito da posição política que irei assumir, porque o PDC é o maior saco de gatos que já vi na política brasileira. Está aí o deputado Paulo de Tarso mancomunado com os comunistas, enquanto outros elementos do PDC estão definitivamente comprometidos com a direita. A maioria não sabe, positivamente, se fica com a foice e o martelo ou se fica com a cruz. De modo que autoridade nenhuma tem o PDC para pedir definição a um elemento do PSD. Mas estranho muito que V. Exa., que tem vindo a esta tribuna dar uma contribuição, por vezes muito consistente, para nossos debates ideológicos, venha aqui apresentar, como questão da mais alta importância no momento histórico brasileiro, se se fica com um homem ou com outro. Acho, deputado, que, neste momento de gravíssima crise brasileira, temos que ficar com os princípios.

O SR. CARDOSO ALVES — Com São Paulo.

O Sr. Luciano Nogueira Filho — Com nossas idéias, com nossas convicções ideológicas, como V. Exa. certamente ficará com as suas. O que lhe digo é que, dentro da disciplina partidária, coloco em plano superior as minhas convicções ideológicas e ficarei com elas da forma mais positiva, porque V. Exa. sabe que no tempo em que a maioria dos deputados, a maioria dos políticos do Brasil inteiro cortejava a esquerda, cortejava o comunismo, supondo que, com isso, ia obter votos em Vila Ipojuca, este deputado já lutava nesta tribuna contra os extremismos da esquerda e da direita. Minha luta aqui é velha. Tem 13 anos, e continuarei nela. Não apoiarei nenhum candidato à Presidência da República que tenha qualquer compromisso com a esquerda ou com a direita. Essa a minha definição. Porque, deputado, não vou seguir homem nenhum? Porque aprecio programas, idéias, mas não gosto de homem. Quem gosta de homem é mulher.

O SR. PRESIDENTE — A Presidência comunica aos Srs. deputados que se encontra em visita à Assembleia Legislativa o deputado Geraldo de Barros, representante paulista na Câmara Federal e que integrou com brilhantismo este Parlamento (Palmas). Há sobre a mesa requerimento da autoria do nobre deputado Ubirajara Keutenedjian, solicitando concessão de licença por 4 dias, assumindo como suplente o nobre deputado Euripedes de Castro, estando dispensado do compromisso por já tê-lo prestado. Há sobre a mesa requerimento de autoria do nobre deputado Oswaldo Rodrigues Martins, comunicando que reassume o seu mandato.

Esgotado o tempo distanciado ao nobre deputado Cardoso Alves, continua o projeto em discussão. Está inscrito o nobre deputado Paulo Nakandakare, que cede o seu tempo ao nobre deputado Salgot Castillon, que, por, sua vez, cede 30 minutos ao nobre deputado Cardoso Alves, que está com a palavra.

O SR. ROBERTO CARDOSO ALVES — (Sem revisão do orador) — Eu quero, Srs. deputados, na abertura desta discussão, congratular-me com o nobre deputado Luciano Nogueira Filho, pela sua afirmativa de que não segue homens. S. Exa. proscree a política dos caudilhos. E. Exa. não concorda com a orientação de um capitão na política. S. Exa. afirma que segue idéias. Não creio que sejam bem assim. Prefiro outra fórmula: o PSD segue governos, não idéias. O PSD não é Juscelino agora, mas vai ser depois, não tenham dúvida. Porque se o sr. Juscelino ganhar, já estará o PSD, com a sua melhor tradição, com os seus melhores homens, com a sua melhor fleugma, para participar do governo, para dividir as responsabilidades do governo entre os seus membros. Neste instante eu compreendo: o sr. Juscelino fala em desenvolvimento econômico e em promoção humana no seio da sociedade, fala em nacionalismo, é homem que não se dobra ao Fundo Monetário Internacional. Então o PSD já começa a sentir o cheirinho da foice e do martelo no ex-presidente Juscelino Kubitschek, para continuar a servir com devoção o Governador de São Paulo, Sr. Adhemar de Barros.

Aliás, o nobre deputado Juvenal Rodrigues de Moraes já deu a fórmula: desta vez o PSD de São Paulo ficará com São Paulo, colocará na convenção, acima dos caudilhos, acima da pessoa do chefe, o seu ideal, o ideal de servir o governo de São Paulo. Não há dúvida alguma.

Não sou ninguém para interpellar V. Exa., nobre deputado Luciano Nogueira Filho. Quem sou eu para interpellar o Par-

tido Social Democrático? Um simples representante do povo, eleito por modesta votação de trabalhadores, muito embora com muitos votos. Dos deputados mais votados mesmo. Mas votação de povo, de trabalhadores, votação de operários da "Perus", de Camamar, dos sindicatos da minha região. Não posso interpellar o PSD. É um simples homem do povo que pretende conhecer o pensamento do PSD. Conhecer, não glosar o pensamento do PSD, porque nenhum partido é mais coerente do que o PSD. Todo o povo conhece o procedimento do PSD. O PSD, desde o seu nascedouro até hoje, e desde hoje até a sua morte, terá uma linha de coerência só: servir até a extrema possibilidade de suas forças a todos os governos que encontrar pelos caminhos que estiver trilhando! Todos sabemos disso. Lembra-me neste momento a figura de um camaleão, a quem o Criador dotou com imensas possibilidades de mimetismo, de parecer verde se a árvore for verde, marrom se está no caule, de igualar-se às folhas mortas quando estiver entre elas, de igualar-se à areia quando caminhar na areia. Assim é o PSD. Se o governo é verde, o PSD fica verde. Se é marrom, fica marrom. E não tenham dúvida: se o sr. Juscelino for vermelho ou róseo, o PSD, depois das eleições, ficará vermelho ou róseo.

Os Srs. Arruda Castanho e Luciano Nogueira Filho — V. Exa. permite um aparte?

O SR. ROBERTO CARDOSO ALVES — Desculpe-me, nobre deputado Luciano Nogueira Filho, mas o nobre deputado Arruda Castanho já havia solicitado aparte e está ansioso por dá-lo, e eu não posso privar o Plenário de ouvi-lo. Tem o aparte, pois, o nobre deputado Arruda Castanho.

O SR. ARRUDA CASTANHO — Nobre deputado Cardoso Alves, V. Exa. faz críticas ao P.S.D. — críticas justas. O P.S.D. é mesmo um partido que tem vocação governista; é uma sociedade anônima onde mudam os diretores mas ficam os acionistas! (Risos) Mas parece-me que se salvam dessa crítica — com algumas exceções apenas — o P.S.P. e a U.D.N. A U.D.N. fica unida na sua luta contra o Governo, ou então quando toma posição favorável ao Governo também fica unida. Não há defeições.

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. ARRUDA CASTANHO — No nosso partido não há!

O SR. CARDOSO ALVES — Nem de costas?

O SR. ARRUDA CASTANHO — Nobre deputado, se há um deputado que tenha ligações com os Campos Elísios, não fala em nome da U.D.N., e está proibido de falar, porque nós não temos nada com os Campos Elísios. Mas o P.D.C. também — o partido de V. Exa., o brilhante e grandioso P.D.C. — é um partido que às vezes toma atitudes interessantes, engraçadas. Perdoe-me que lhe lembre (V. Exa. não está incluído nisso) mas às vezes há votações aqui, do Governo, de interesse do Governo, e nós vemos aqui no plenário, encadeirados, alguns deputados que inclusive não frequentam a Assembleia; eles entram aí e ficam. Há vários elementos do P.D.C. que estão de flerte com os Campos Elísios.

O SR. CARDOSO ALVES — Já se agredam.

O SR. ARRUDA CASTANHO — Aliás, já não é mais flerte nem noivado; estão casados com os Campos Elísios. O partido de V. Exa. é um partido fracionado também. Metade está com os ideais democrata-cristãos, com aquele bem comum de boca torta que é patente do P.D.C., outra metade também está na estrada ampla e luminosa dos Campos Elísios. Eles estão lá despachando, recebendo empregos...

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. ARRUDA CASTANHO — Então! Elementos do P.D.C. Partido que está coerente é a U.D.N. Este está coerente. Sua bancada está contra o Sr. Adhemar de Barros, não por não gostar do Sr. Adhemar de Barros nem por antipatizar com o ventre ou o bigode do Sr. Adhemar de Barros, mas pelo tipo de administração do Sr. Adhemar de Barros. Agora, há o P.S.T., que é um saco de gatos. Ali há de tudo. Mas tem um "Papa", e todos os dízimos são dados, ou então, ao contrário do que se faz na igreja, todos os dízimos são distribuídos por esse "Papa", que é o deputado Ubirajara Keutenedjian, nosso querido colega que chega a este plenário. S. Exa. chefia um partido que está agora se engrandecendo com os transfugas de outros partidos.

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. ARRUDA CASTANHO — Parece-me que o nobre deputado Ubirajara, na sua legenda, tem elementos de várias tendências, e ali tudo é permitido; um vai com Jango, outro com Adhemar, outro com Jânio...

O SR. CARDOSO ALVES — Há até os que ficam com ele!

O SR. ARRUDA CASTANHO — Na U.D.N. há as convicções democráticas; não é um partido onde cada um faz o que quer — (O Presidente faz soar a campainha.)

O SR. ARRUDA CASTANHO — V. Exa. me permite novo aparte?

O SR. CARDOSO ALVES — Para acabar.

O SR. ARRUDA CASTANHO — Obrigado. Sei que a paciência de V. Exa. pode ser democrática, mas nada tem de cristã. (Risos) Então, nobre deputado, há esse partido, que está inflando, está inchando, e o nobre deputado Ubirajara Keutenedjian, que não pode se defender porque está licenciado. Ele merece elogios. Não sei se merece de banhos turcos, não sei se merece de saunas, não sei por que mereça S. Exa. consagrar unificar todos nesse partido. É a maior bancada desta Casa, com olhos na futura Mesa. E que o nobre presidente Chico Albuquerque prepare a Mesa, para o P.S.T. Esse P.S.T. é o partido que aceita pessoas de várias legendas. Eu sou um ho-

mem udenista e janista. Os nobres deputados Mendonça Falcão, Oswaldo Martins e Troncoso Peres são janistas. Eu sou udenista. Mas eu não escapo e nem fujo à linha partidária. Não entro nem pela frente e nem pelos fundos dos Campos Elísios, nem aberto e nem capciosamente.

(É dado um aparte anti-regimental).

O Sr. Presidente faz soar a campainha.

O SR. CARDOSO ALVES — Vou pedir agora para apartear V. Exa., (risos) para falar um pouco.

V. Exa., de fato é um homem que pertence a um partido que se vem portando com grande dignidade. Exceto pequeninas exceções, o partido de V. Exa. está contra o governo. Mas espero, nobre deputado, que a UDN continue sempre assim. E quero ver V. Exa., neste microfone, no dia em que a UDN tiver um candidato a posto igual a que se candidatar o ex-presidente Jânio Quadros. Então quero ver se V. Exa. é um udenista de papo amarelo ou um janista a toda prova. Quero crer que V. Exa. é muito mais janista do que udenista. Não compreendo V. Exa. procurar alcaçourear a UDN. A UDN tem varões muito mais categorizados do que V. Exa. para gabar-lhe as qualidades. V. Exa. não possui todas as qualidades de um janista. É um homem pigmentado de coisas que a UDN não possui. V. Exa. não é dos melhores janistas. A UDN tem elementos mais categorizados do que o nobre deputado Arruda Castanho, para gabar-lhe as qualidades, para cantar-lhe os ornamentos.

O nobre deputado Arruda Castanho é mais janista do que udenista. Não é como eu, exatamente. Que V. Exa. ataque o PDC, concordo, porque tenho a minha linha, que é a linha partidária oficial. E aqueles que saem dessa linha, quebram a disciplina partidária e de fato desprestigiam o partido no seio parlamentar e perante o povo. Não compreenderam que um partido como o nosso unido, poderia ter muito mais influência do que ser fragmentado por alguns que, sobre os ombros, comparecem de fato aos Campos Elísios, levando para lá a sua boa vontade em troca de algum bafêjo governamental.

(É dado um aparte anti-regimental).

O SR. CARDOSO ALVES — O Concílio será feito, nobre deputado, a tempo e a hora. E V. Exa. verá que aquilo que o nobre deputado Luciano Nogueira Filho, com muita precisão, chamou de inchaço, será devolvido às suas origens.

O elogio que V. Exa. fez ao PSP também não colhe de maneira íntegra. Hoje, o PSP atravessa momentos áureos. É um partido que elegeu o governador, que deve prestigiar o governador, que deve dividir com o governador as responsabilidades do governo. Deve, de fato, estar nos Campos Elísios. Mas há poucos dias passados nós assistimos ao PSP se fragmentar também nesta Casa, ao ceder a algumas legendas alguns dos seus homens. Vimos, então, que isso é uma contingência de todos os partidos no atual momento político que atravessa a nação. As leis que disciplinam a vida partidária são falhas. São leis que precisam ser reformadas para que o P. S. D. continue a ser um partido, porque se não houver uma reforma eleitoral instituindo voto e mandato imperativos, cassando o mandato do transfuga, teremos uma democracia que irá cada vez mais de mal a pior. Não tenho dúvida V. Exa. Alguns partidos têm menos defeitos, outros mais defeitos, mas todos têm defeitos. E o mais defeituoso, a meu ver, aquele que apresente neste instante maior teor de defeitos e imperfeições, não é o P. S. D., conforme pretendia ouvir o nobre deputado Arruda Castanho. É o Partido Trabalhista Brasileiro. O Partido Trabalhista Brasileiro recebeu das mãos de um homem sério, num momento grave da vida pública deste país, uma grande bandeira, a bandeira de Vargas, a bandeira da redenção do proletariado, constituindo-se mesmo na força popular mais determinante da nação. E neste instante, ao que assistimos? Um P. T. B. totalmente desfraldado, entregue à política de clientela, um P. T. B. a que chamam de P. T. B. fisiológico, de cócoras, como chama o jânio-udenista Arruda Castanho, servindo com igual sofreguidão ao governo federal do Sr. João Goulart e ao governo estadual do Sr. Adhemar de Barros. Salvo raríssimas e honrosas exceções, o grosso do P. T. B. é uma coisa só: homens que correm sofregamente para todas as naus governamentais, estejam elas no Oriente ou no Ocidente.

Vivem dilacerados pela tendência de servir a governos, dilacerados para servir com a maior presteza e eficiência a Adhemar de Barros e dilacerados para servir com a maior presteza e eficiência a João Goulart, sem se lembrarem que as duas posições são antagônicas, que os dois políticos se digladiam no campo pessoal, no campo doutrinário, no campo ideológico, no campo político, no campo militar, no campo administrativo. Adhemar e Jango são os dois polos da política brasileira.

No entanto, o P. T. B. se encaixa com a mesma facilidade e desfaçatez no Palácio dos Campos Elísios e no Palácio da Alvorada, na casa do Governador Adhemar de Barros e na residência do Presidente João Goulart.

Profundamente lamentável, Srs. deputados, que isto ocorra com o P. T. B., lamentável para alguns políticos. Nós, do P. D. C., que temos consciência de que somos uma legenda em ascensão, em franca ascensão, não obstante os percalços e dificuldades que encontramos volta e meia em nosso caminho — como por exemplo a fragmentação da nossa bancada neste plenário — assistimos de camarote à fragmentação do P. T. B., e através dos proceres do nosso partido, através da unidade, do que o partido tem de mais sério, vamos conseguindo leis como a do salário-família para os filhos dos trabalhadores, como "salário não é renda" obtido por Franco Monteiro através da revisão dos "quantum" sobre o qual recaia o imposto de renda. E outras leis mais, de cunho emi-

nentemente social, que promovem a simpatia dos trabalhadores para com a mensagem da democracia cristã. E pena que nem todos os companheiros de bancada compreendam a grandeza desta mensagem e a força que ela teria se fosse de fato levada a sério. Nós, do P. D. C., também carregamos a nossa cruzinha fisiológica, mas o P. S. D. não. Este é um partido que neste instante tem o direito de participar do governo de São Paulo. Apoiou o candidato Adhemar de Barros, foi à praça pública sustentar a candidatura do ora governador, esteve lutando, em lutas populares, pela sua eleição, compareceu às trincheiras eleitorais, travou batalhas sob seu comando. Nada mais justo que o P. S. D. neste instante participe do governo, fortaleça o governo, apoie o governo. Obedece aos ditames das urnas porque lutou para conseguir o governo que aí está e, evidentemente, deve dividir com este governo as responsabilidades administrativas. Até aqui o P. S. D. está certo. Mas ficar com São Paulo, no plano sucessório, já é outro problema.

O Sr. Luciano Nogueira Filho (Com assentimento do orador) — Nobre deputado, agradeço a justiça que V. Exa. faz ao meu Partido. Nem poderia esperar de V. Exa. outra coisa. Sei que suas críticas ao meu Partido, embora, por vezes, atingindo o tom jocoso, têm realmente o intento sério de contribuir para o aperfeiçoamento da vida democrática brasileira. Mas, nobre deputado, acredito que, nesta situação difícil da democracia brasileira, que V. Exa. tão bem reconheceu, com prejuízo para todos, os partidos cometem, todos eles, pecados veniais e pecados mortais. O P. S. D. tem cometido pecados veniais. Aquêles que se situam no plano tático da luta política cometem pecados veniais, enquanto o Partido de V. Exa. tem cometido pecados mortais, porque ele pretende ser reformador. V. Exa., ainda há pouco, disse que o seu Partido tem grandes mensagens ao operariado brasileiro e que elas não atingem um gabarito elevado porque o seu Partido tem-se dividido. Não é por isso. Essas mensagens não atingem maiores alturas porque não têm afinidade, porque o seu Partido pretende ser reformador e ter uma mensagem, mas, na verdade, é um partido profundamente mais dividido do que os outros.

Os outros podem dividir-se periodicamente, em lutas menores, na política brasileira, enquanto o Partido de V. Exa., de um lado, está atraído pelo cheiro de enxofre da esquerda, e, de outro lado, está atraído pelo cheiro de incenso da direita. O seu Partido, assim, é irreconciliável na sua unidade, porque se divide ideologicamente, de maneira irremediável. Não sou profeta mas vou afirmar que, daqui a breves anos, o seu Partido, esse sim, sofrerá crises profundas, irremediáveis, e não aquelas dissidências habituais da política brasileira. Em cada eleição há dissidência de tática eleitoral, enquanto no seu partido há divisões entre o ideal do Sr. Paulo de Tarso, que cita as encíclicas papais para delas retirar os ensinamentos que aliam a Igreja ao materialismo. Isso tem que conduzir, necessariamente, o P.D.C. à sua diluição. (Muito bem, Palmas).

O SR. CARDOSO ALVES — V. Exa., agora, dá uma aparte de fato útil para a discussão do tema a que me propus, a margem do exame perfunctório que fazemos da maioria parlamentar. Poderia desviar os debates e dizer que meu Partido, de fato, não tem a unidade que tem o P.S.D. porque este é sempre governo, não tem ideologia, está sempre unido, no afã de servir ao Governo cada vez mais, com mais entusiasmo, com mais dedicação, com mais calor, com mais afeto e com mais amor. Não vou situar-me aí. Vou, de fato, receber o aparte de V. Exa. como um tema sério. O meu Partido reconhece V. Exa., debate-se, neste instante, numa crise ideológica. Isso eu recebo como um elogio ao meu Partido, porque, primeiramente, V. Exa. reconheceu, dentro do meu Partido, um esforço de consubstanciação de disposição, de articulação de uma doutrina e, nesse esforço, alguns proceres se desentendem. Então V. Exa. partiu de uma premissa. O meu Partido faz um esforço ideológico. Aceito a premissa de V. Exa. e agradeço. Afirmando, a mim mesmo que o esforço para o estabelecimento de uma ideologia não está bem caracterizado porque cada nação tem as suas próprias condições, tem o seu próprio quadro, apresenta-se segundo os seus problemas, a sua feição. Não obstante a universalidade da mensagem da democracia cristã, os democratas cristãos do Brasil costumam examinar a política brasileira à luz da filosofia cristã, e muitas vezes um dirigente pode ver de uma maneira e outro de outra maneira, de acordo com a sua formação filosófica, de acordo com a sua cultura, de acordo com as suas concepções fundamentais. Evidentemente deve, pode e precisa ocorrer alguma dissensão, algum desentendimento. Seria por demais simplório admitir-se que o P.D.C. pode reunir 100 homens e estes 100 homens reunidos num conclave, numa convenção estabeleçam uma doutrina rígida que obrigasse a todos.

Neste existem homens essencialmente honestos que pretendem... o P.D.C. uma inflexão mais para a esquerda, para usar o terminologia futebolística dos dias de hoje, e outros pretendem dar uma inflexão mais para a direita; e outros pretendem que o P.D.C. se situe no centro de todas as tendências sociais, e esta, aproveito o ensejo para declarar, é a minha posição.

No Diretório da Guatubara há homens que pretendem de fato levar o Partido para a direita. O deputado Paulo de Tarso, quando Ministro do Trabalho, realizou esforços ambíguos das melhores idéias e da sua incontestável honestidade moral no sentido de adaptar o Partido às suas idéias, que tendem mais, no exame objetivo do povo e da imprensa, para a esquerda.

Mas, isso não traz grandes inconveniências, e o Diretório Nacional condena a ten-